

Prof. Marco Pádua

COLISEU

Entre a arena e o estádio

HISTÓRIA

A construção do Coliseu, ocorrido durante a dinastia Flávia, é realizada em 72 d.C. pelo Imperador Vespasiano e é financiado pelo espólio da conquista de Jerusalém em 70 d.C. O anfiteatro, inaugurado durante o reinado do filho, Imperador Tito no ano 80 d.C. e concluída por seu irmão Domiciano em 82 d.C., é o maior edifício antigo destinado a espetáculos de gladiadores e à caça. O prédio fica no centro do vale, onde havia o lago artificial e cobertura dourada construída por Nero, complementado por uma série de instalações funcionais como: ginásios, armazéns e um hospital. Sua última atividade data de 523 d.C. Entre o final do quinto e sexto século inicia-se o desmantelamento das estruturas do sul e o soterramento da arena. A partir da segunda metade do século VI o anfiteatro perde sua função original e entrando numa fase de abandono vê a expropriação sistemática dos seus materiais, como o travertino que compunha sua estrutura, o revestimento de mármore das fachadas e as peças de metal que unia o conjunto de blocos de pedra. Os buracos ainda são visíveis no travertino mostrando o resultado desta pilhagem. A reutilização dos materiais serviu às casas, pomares e abrigos de animais, transformando um símbolo da Idade Média em um complexo bairro residencial organizado em torno de uma praça central, a antiga arena, chamando-se Rota Coliseu.

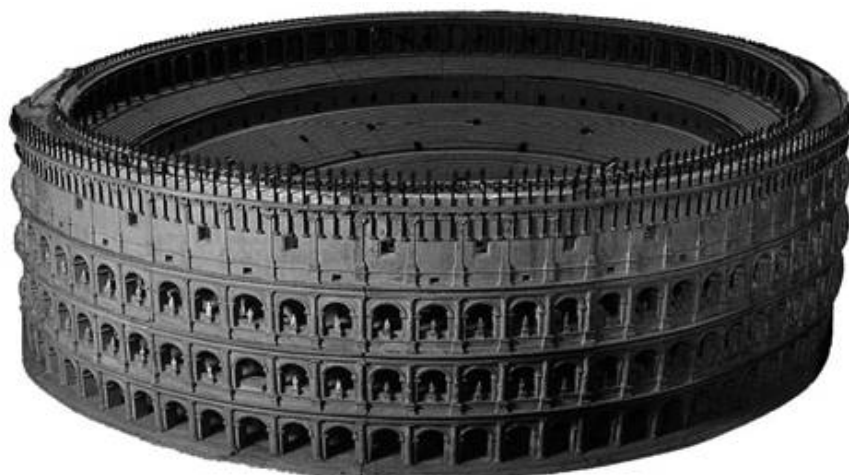
O nome popular "Coliseu" para identificar o anfiteatro, foi usado pela primeira vez no oitavo século, decorrente da lembrança de uma estátua colossal de Nero que ficava nas proximidades. Durante o século XVI, diz a tradição, nunca comprovada, surge a crença de que o coliseu fora o local do martírio dos primeiros cristãos.

O caráter sagrado do edifício tem início com o Jubileu de 1750, quando o Papa Bento XIV ergue uma cruz no centro da arena e 14 quiosques representando as estações da Via Crucis.

Após o terremoto de 1.803 são executadas as primeiras intervenções de consolidação, com a criação de duas contensões no lado oriental (Stern 1.857) e a oeste (Valadier 1.827), primeira fase de um longo processo de recuperação e investigações históricas transformando as ruínas do Coliseu em monumento.

Os shows eram gratuitos no anfiteatro, representando a oportunidade para quem lhes oferecia (promotor) para demonstrar a sua generosidade. Em Roma, por excelência, o promotor era o imperador e os magistrados, a título excepcional, o rei era obrigado a financiar os jogos. Durante eventos especiais, as apresentações poderiam continuar por vários dias, como aconteceu na abertura oferecida pelo imperador Tito no ano 80 d.C., que durou 100 dias. É fato que antes da construção, a área central também foi usada como um lago para as batalhas navais.

Os dias dos jogos eram divididos com uma parada inicial de todos os participantes na parte da manhã, mostra que consistia de combatentes e feras de todo o Império, conduzidos por soldados armados e acompanhados por animais domesticados. O cenário, muito detalhados,



MAQUETE

reproduzindo o habitat dos animais, possuía efeitos surpreendentes. Na hora do almoço a arena se tornava um lugar mortal, incluindo o sacrifício de cristãos diante das feras selvagens, contudo não há nenhuma fonte documental atestando esses acontecimentos. Na parte da tarde ocorriam as lutas entre gladiadores, cuja origem está relacionada com a tradição dos jogos mortais. As lutas raramente eram fatais, na maioria das vezes o público agraciava o gladiador com a vida. Os gladiadores eram normalmente escravos ou prisioneiros de guerra pertencentes aos senhores detentores de parte do império. Havia também homens livres que decidiam seguir a carreira de gladiador, na esperança de obter fama e riqueza.

Eles viviam e treinavam em grupo e após uma série de lutas, poderiam ganhar a liberdade se fossem escravos. Alguns deles eram muito queridos pelo público tornando-se verdadeiros heróis.

ARQUITETURA

A estrutura do anfiteatro é feita de blocos de mármore travertino compondo paredes perimetrais, pilares, paredes radiais e escadas. O exterior é marcado por quatro ordens arquitetônicas sobrepostas atingindo uma altura de quase 50 metros. A última ordem, uma colunata de mármore é visível no piso térreo.

O edifício tem forma elíptica com eixo maior de 188 m, e eixo menor de 156 metros.

No centro da arena havia uma plataforma de madeira (parcialmente reconstruída no lado oriental), coberta com areia, arena em latim, daí o nome. O anfiteatro foi construído com 80 portais de entrada em arcos: 76 numeradas, para os espectadores e 4 orientadas para os pontos cardeais, exclusivo do imperador, as autoridades políticas, religiosas e os atores das apresentações. As entradas monumentais norte e sul levavam a duas áreas adjacentes a arena onde havia os assentos de honra, um reservado ao imperador.

O anfiteatro, que podia comportar de 40 a 70 mil espectadores, foi dividido em cinco plataformas horizontais separadas por corredores. Os senadores ocupavam lugares mais próximos da arena (pódio).

As camadas superiores eram reservadas para os cavaleiros e outras categorias sociais, enquanto que o último lance em estruturas de madeira apoiadas em colunatas era destinado à multidão. No início era uma estrutura de madeira móvel coberta com lona para proteger o público do sol.

As paredes originalmente cobertas pelo piso da arena (hipogeu) ainda são visíveis no centro do edifício. Elas foram construídas em grande parte alguns anos após a inauguração do anfiteatro, durante o reinado de Domiciano (81 - 96 d.C.) sendo restauradas diversas vezes durante os cinco séculos de atividade do Coliseu.



RUÍNAS ATUAIS

As câmaras subterrâneas foram organizadas em 15 corredores, feitos em blocos de calcário e tijolos, paralelos a uma galeria central, correspondente ao eixo maior da elipse leste-oeste e serviam para guardar os equipamentos necessários para os jogos, armas e gaiolas com animais. Guinchos foram utilizados para expor no centro da arena, por meio de aberturas e planos inclinados, gladiadores, animais e maquinaria de palco. Os elevadores localizados nos corredores periféricos, mais amplos, foram equipados com gaiolas para animais domesticados, enquanto que aqueles na zona central eram usados para as apresentações. Os vestígios dessas instalações e vigas de suporte na arena ainda são detectáveis no piso subterrâneo.

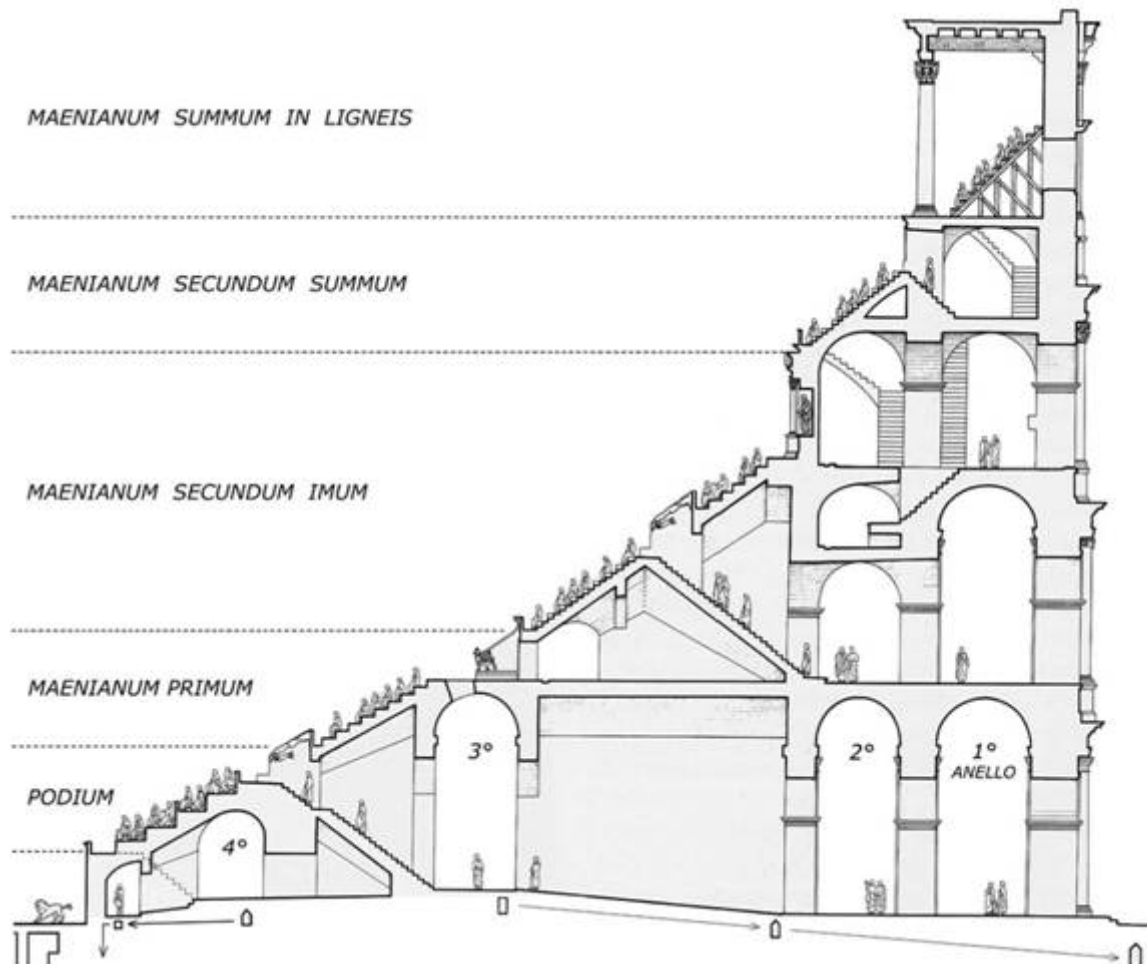
O corredor central da arena, abaixo da entrada oriental, foi o mais importante quartel dos gladiadores, conhecido como Ludus Magnus, agora parcialmente visível na área arqueológica entre a Via Labicana e Via San Giovanni.

Um segundo corredor subterrâneo conhecido como passagem de Commodus (o imperador que, segundo fontes, sofreu atentado), liga a área externa, e agora seu acesso a partir desta passagem que leva ao anfiteatro, é visível próximo ao lado sul.

Conclusão

O que mais impressiona neste monumento da Arquitetura é a padronização. Isto é percebido em vários sentidos. No projeto em si com a unidade estilística das fachadas, as aberturas produzidas pelos arcos, as escadas de acessos, etc. Recurso este que, além de propiciar a execução do edifício, permitiu uma sensível fluidez no acesso as suas instalações, facilitando seu uso. O traçado e a configuração geral do edifício demonstram um domínio exuberante da distribuição do espaço, não deixando nenhum vestígio de alterações no decorrer da obra, mudança de rumo ou alterações de última hora.

No Coliseu encontramos a grande invenção dos Romanos na Arquitetura: o arco. Aqui eles evidenciam todo o esplendor do edifício. Pela grandiosidade foi uma resposta ao feito das pirâmides do Egito. Claro que desfrutando 2.500 anos de evolução técnica, de materiais e ferramentas. Esta padronização, comum em nossos dias e talvez tendo como origem aqueles, permitiu o uso de mão de obra de várias categorias, pois bastava seguir algumas determinações básicas para se executar o trabalho. Um desenho minimalista no aspecto unitário, porém grandioso no conjunto. Percebemos claramente em suas fachadas o conceito de “modulo”, usado largamente em nossos dias, onde um elemento característico é empregado em todo o conjunto. O corte das pedras, o entalhe, o acabamento é semelhante em diversos pontos do edifício. Agora sua montagem e acompanhamento, deveria ter orientação dos mais capacitados, os criadores daquele espaço tão importante naquela época.



Do ponto de vista estrutural e da execução, vários aspectos chamam a atenção. Como construir um edifício de quase 30 m de altura sem equipamentos para elevação de materiais? Aqui vemos uma decisão engenhosa como a construção em patamares que, auxiliados pelas escadas propiciava o acesso aos locais mais elevados, como vemos no desenho acima, produzindo um perfil em forma de rampa. Esses nichos construídos com tijolos eram preenchidos com turfa vulcânica como enchimento, denotando uma preocupação com o melhor aproveitamento dos materiais. Ora, a própria implantação da obra naqueles dias torna esta tarefa grandiosa, pois demonstra uma notável percepção antecipada do projeto concluído, cujo formato final produz algo até então não detectado noutra recinto: a elipse.

No uso de novos materiais o Coliseu também se torna inovador com o emprego dos tijolos na construção dos arcos superiores. Para aliviar o peso da estrutura, seus construtores usaram os tijolos queimados, diferentemente dos egípcios que os secavam ao sol, derivados das telhas já usadas pelos Romanos. Estão presentes, além dos arcos, na construção de paredes divisórias e arquivancadas. Eram assentados com argamassa de cal pozolânica e em pontos enrijecedores, formava canaletas onde eram preenchidos com uma mistura de areia vulcânica e pó de calcário, semelhante ao que hoje chamamos de concreto. O mármore travertino cobria toda a fachada demonstrando uma preocupação estética e ressaltando a unidade estilística. Esses elementos são travados com barras de bronze, embutidos em rochas ou na argamassa.

Segundo pesquisadores, há sinais de haver uma rede de canalização de água sob o edifício, protegendo-o de inundações, sendo construído no início, demonstrando também um domínio nos recursos hídricos. Há um caimento nesta rede para facilitar o escoamento. Isto foi conseguido utilizando-se uma canaleta, possivelmente de madeira, preenchida com água que, depois de nivelada, servia de referência para a introdução de hastes de madeira no chão com comprimento variável proporcionando o caimento desejável. Sistema este observado quando da construção das pirâmides, porém melhorado. Simplesmente admirável.

Como se todo este avanço arquitetônico não bastasse o Coliseu também marca o nascimento da cultura de preservação do patrimônio, surgido na França em meados do sec. XIX, pois ao que tudo indica, foi o primeiro a receber obras de recuperação no início do mesmo século. Até então já havia contribuído em muito para a construção de outros edifícios com o desmonte sofrido ao longo dos anos que ficou fora de uso.



*Fonte: Prefeitura de Roma
National Geographic*